



No ritmo das marés – a pesca artesanal e a relação agroecológica com o cultivo de plantas medicinais.

In the rhythm of the tides – artisanal fishing and the agroecological relationship with the cultivation of medicinal plants

SILVA, Fátima Cristina Cunha Maia (Fiocruz Brasília; fatima.maia@fiocruz.br)¹; KNIERIM, Gislei Siqueira (Fiocruz Brasília; gislei.knierim@fiocruz.br)², FENNER, André Luiz Dutra (Fiocruz Brasília;

¹ andre.fenner@fiocruz.br); D'ARED, Claudia de Oliveira (Fiocruz Brasília, claudia.d'ared@fiocruz.br); MAIA, Gabriel Cunha (Fiocruz Brasília, gabriel.cunha@fiocruz.br) e MACHADO, Jorge Mesquita Huet (Fiocruz Brasília; jorge.machado@fiocruz.br).

RESUMO EXPANDIDO

Eixo Temático: Saúde e Agroecologia

Resumo: Este estudo tem por objetivo trazer o relato de experiência desenvolvida na comunidade tradicional quilombola e pesqueira, de Ilha de Maré, Salvador – BA, referente a pesquisa de ‘Promoção de Território Saudável e Sustentável em Comunidades Tradicionais, Ilha de Maré, Salvador – BA’, no período de 2018-2022, coordenado pela Fundação Oswaldo Cruz Brasília (Fiocruz-Brasília). Essa experiência faz parte da demanda social apresentada a Fiocruz pela Articulação Nacional das Pescadoras (ANP), a qual solicita ações de saúde com foco, em especial, nas famílias das pescadoras artesanais. O método se baseou por meio da pesquisa-ação e da educação popular principalmente. O caminho metodológico se deu a partir de encontros entre os pesquisadores e a comunidade, a fim de captar a percepção dos moradores da ilha sobre a saúde, ambiente e enquanto se desenvolvia um processo de formação das pescadoras artesanais da ilha. Para isso, utilizamos o recorte sobre as plantas medicinais encontradas nos quintais produtivos nos domicílios das comunidades entrevistadas da Ilha de Maré. Como resultado, observou-se que a pesca artesanal é essencial para o ecossistema. É uma decisão política, ecológica e dialoga com o ecossistema marinho. Igualmente, a agroecologia é uma prática agrícola, é uma opção política, que interage com a preservação e conservação da biodiversidade. As quais, são integradas por um olhar sistêmico e garantem uma outra relação com a natureza, ou seja, podem ser entendidas a partir da compreensão dos princípios da Agroecologia voltada para a sustentabilidade e que interage com a preservação e conservação da biodiversidade e principalmente com o modo de vida saudável e sustentável da pesca artesanal.

Palavras-chave: agroecologia. pescadoras artesanais. território saudável e sustentável. saúde ambiental.

Introdução

Este estudo é fruto da pesquisa ‘Promoção de Territórios Saudáveis e Sustentáveis, nas Comunidades Tradicionais Pesqueiras, Ilha de Maré, Salvador – BA. Coordenado pela Fiocruz Brasília. Realizada no período de 2018-2022. Sendo que o



período pandêmico - Covid-19, de 2020/2021, as atividades na Ilha de Maré, foram suspensas.

A Ilha de Maré está localizada na Baía de Todos os Santos, pertencente ao município de Salvador – BA. Tem aproximadamente 6.434 habitantes, segundo o censo de 2010 do IBGE (o censo atual, ainda não foi disponibilizado). Vivem sobretudo da pesca, da agricultura de subsistência, do artesanato, comércio local e do turismo.

Na sua margem são contempladas 11 (onze) comunidades, são elas: Bananeiras, Caquende, Itamoabo, Maracanã, Martelo, Neves, Ponta Grossa, Porto dos Cavalos, Praia Grande e Santana.

Por estarem mais próximas ao Complexo Industrial e do Porto de Aratu, sofrem com a poluição e contaminação advinda destes, como metais pesados, a exemplo, do chumbo. O ar denso, o odor forte de amônia, o derramamento de petróleo, as espécies que se desprendem dos navios causam ameaças a biodiversidade, além dos diversos acidentes que impactam sobremaneira o ecossistema marinho, o ambiente, o trabalho e a saúde da população local. Estes são relatos das/os pescadoras/es artesanais e da sua percepção sobre os impactos e o enfretamento que precisam fazer no seu dia a dia em defesa do território pesqueiro e quilombola. A relação que as/os pescadoras/es artesanais e quilombolas estabelecem com a natureza, com o oceano, os mangues e com a águas vai além do trabalho, trata-se de uma relação de convivência, respeito e conservação do ambiente, pois dele dependem para tirar o seu sustento e para preservar sua produção e reprodução social (FERREIRA, 2021).

Dentre as diversas questões levantadas pela comunidade da Ilha de Maré, foram elencadas duas ações prioritárias, entre elas a formação das lideranças pesqueiras e a aplicação de um inquérito sanitário sobre a percepção dos seus moradores sobre a saúde, ambiente e trabalho. O que denominamos de roteiro de campo, o qual contemplou diversos temas como, ambiente, saúde da mulher, do homem, da pessoa idosa, hábitos alimentares, violência contra mulher, saúde mental, saneamento, trabalho, plantas medicinais, entre outros.

A escolha dos temas aconteceu de forma participativa e a partir do diálogo com as pescadoras artesanais, resultou em 25 (vinte e cinco) blocos, visto a necessidade de sistematizar conhecimentos demandados pelas próprias comunidades da Ilha de Maré.

Após aplicação das entrevistas em uma comunidade como projeto piloto, pelas próprias/os pescadoras/es artesanais, denominadas/os como pesquisadoras/es populares, o que validava também o instrumento da pesquisa, além de se tornarem coautoras/es e protagonistas da pesquisa, bem como, a comunidade que também se aprofundava o seu conhecimento sobre o seu território e das pessoas que ali viviam.

Entretanto, verificou-se a necessidade de readequação do instrumento, visto ser muito extenso e deste modo, após diversos encontros, oficinas e reuniões, o instrumento de pesquisa foi simplificado para 14 (quatorze) blocos.

Entre esses, o bloco sobre a percepção das plantas medicinais e neste contexto, faremos esse recorte, para reflexão sobre a pesca artesanal, com recorte também



de gênero, tentando refletir o cultivo e o uso de plantas medicinais a partir de base agroecológica, a vista de um território saudável e sustentável (TSS) pesqueiro.

Nessa direção à conceituação do TSS segundo Machado et al. (2017, p. 246) passam a ser caracterizados como espaços relacionais e de pertencimento onde a vida saudável é viabilizada, por meio de ações comunitárias e de políticas públicas que interagem entre si e se materializam, ao longo do tempo, em resultados que visam a atingir o desenvolvimento global, regional e local, nas dimensões ambientais, culturais, econômicas, políticas e sociais.

Tal conceito, considera a promoção da saúde de base territorial e produz um deslocamento estrutural da vigilância popular em saúde e de processos de territorialização das relações sociais, decorrentes das dimensões do trabalho, cultura, ambiente, mobilização e participação por meio da confluência de agendas de políticas públicas, cujos eixos localizam as necessidades sociais das comunidades. E assim, promove um caminho de territorialização e de participação para um objetivo comum e nesse caso, do fortalecimento da pesca artesanal. Uma prática exercida ao longo dos séculos e está intimamente ligada à cultura, ao modo de vida, de produção e reprodução social de comunidades tradicionais pesqueiras.

Vale ressaltar, o protagonismo das mulheres marisqueiras – pescadoras artesanais que possuem um profundo conhecimento dos ecossistemas costeiros e das espécies que coletam. Elas conhecem os padrões de migração e reprodução dos organismos marinhos, bem como os melhores locais e momentos para a coleta. Esse conhecimento é frequentemente passado entre as gerações, garantindo a continuidade das práticas tradicionais. Desempenham um papel crucial na sustentabilidade da pesca artesanal, adotam práticas de extrativismo seletivo, escolhendo apenas os organismos maduros e deixando os jovens para garantir a reprodução das espécies.

Essa abordagem ajuda a preservar os estoques pesqueiros e a manter a biodiversidade costeira. Possuem um conhecimento profundo dos ecossistemas marinhos e utilizam técnicas que minimizam o impacto ambiental, evitando a sobre-exploração dos recursos pesqueiros.

As pescadoras artesanais executam toda a cadeia produtiva do pescado, desde a coleta dos mariscos, transporte, beneficiamento e comercialização, desempenhando assim, um papel importante na economia das comunidades costeiras, pois muitas vezes, essa atividade econômica é essencial em áreas onde outras oportunidades de emprego são limitadas. Assim, a atividade da pesca artesanal realizada pelas marisqueiras – pescadoras artesanais contribuem significativamente para a renda familiar.

Cabe destacar que na Ilha de Maré, a prática agrícola conta com algumas produções como banana, milho, cana de açúcar, os quintais produtivos, o qual contemplam hortaliças verduras, frutas e algumas plantas medicinais. Podemos observar que tal prática refletem cuidados a saúde, seja física, mental e espiritual, além do uso para uma alimentação saudável.

O resgate da memória do conhecimento tradicional juntamente com o levantamento do que se tinha nos quintais produtivos, deu uma ideia do modo de vida dessa população. Os quintais integram diversos subsistemas, como jardins, hortas, fruteiras, plantas medicinais, criação de pequenos animais.



As principais plantas encontradas foram: acerola, água de elefante, alecrim, alfazema, algodão, alumã, amora, benzetacil, boldo, camomila, canela, capim limão, capim santo, carambola, caqueja, confrei, erva cidreira erva doce, eucalipto, favaquinha, flor de colônia, graviola, hortelã, jurubeba, limão, malva, manjericão, mastruz, marcela, mirra, pimenta malagueta, pitanga, quebra pedra, romã, sabugueiro, salsa, unha de gato, todas as dores, entre outras.

Dentre a diversidade de práticas e de cuidados utilizadas pelas pescadoras artesanais no período das entrevistas, as plantas medicinais foram mencionadas para o uso de cuidado a saúde mental, física e espiritual, como banho de ervas, a aplicação na alimentação e o cuidado com elas próprias. Os quintais produtivos tem promovido também a saúde mental.

Assim, buscam o alívio para os males do corpo, e da alma, ou seja, o uso das plantas por meio dos chás, banhos e benzeduras parte do modo de vida das pescadoras artesanais.

Cabe destacar, que o uso de plantas medicinais na cura de enfermidades, em especial daquelas em localidades distantes dos centros urbanos, bem como na inexistência de atendimento de saúde, são comuns nas comunidades tradicionais, onde os saberes ancestrais se fazem presentes, o uso dos recursos vegetais, de manejo indicam que plantas usar para efeito de cura, observamos assim, a presença e o uso da flora na cultura popular para diversos fins, atuando como alimento físico, mental e espiritual.

Metodologia

O mosaico metodológico utilizado na pesquisa de 'promoção de territórios saudáveis e sustentáveis na comunidade tradicional pesqueira de Ilha de MARÉ, Salvador – BA', realizada na Ilha de Marés, Salvador – BA, no período de 2018-2022, sendo que em virtude da pandemia Covid-19, as atividades na Ilha de Maré, foram suspensas retornando no início de 2022.

Este estudo é um recorte dessa pesquisa, que contou com a participação das pescadoras e pescadores artesanais, totalizando trinta lideranças, o qual denominou-se de pesquisadores populares, face a participação de todo o processo da pesquisa, inclusive, foram elas as responsáveis para aplicação nos 748(setecentos e quarenta e oito) domicílios das 10 (dez) comunidades da Ilha de Maré, com exceção da comunidade de Praia Grande, tendo em vista a pandemia não foi possível a realização das entrevista. Destas, 573 (quinhentos e setenta e três) são mulheres e 175 (cento e setenta e cinco) são homens.

Para tal, optamos por trazer a reflexão do bloco sobre a percepção dos moradores da Ilha de Maré sobre o cultivo e o uso das plantas medicinais.

O percurso metodológico permeia diversos instrumentos, a utilização da pesquisa ação, alia a investigação acadêmica com ação prática e participativa. Ela envolve a colaboração entre pesquisadores e participantes visando identificar e resolver problemas específicos em um contexto real, conforme traz Thiolent a pesquisa-ação é "realizada em um espaço de interlocução onde os atores



implicados participam na resolução dos problemas, com conhecimentos diferenciados, propondo soluções e aprendendo na ação” (THIOLLENT; 2002, p.4).

A educação popular se baseia nos princípios da participação, diálogo e conscientização crítica, a transformação social por meio da educação, conforme Paulo Freire (2005), por meio de rodas de conversa, encontros e reuniões.

Desta forma, a observação participante, a escuta qualificada, o olhar ganham ênfase compreendido para além do momento de aproximação com o território e com as pessoas participantes do processo como um todo, além de criar laços de confiança, pautadas no cuidado do outro e de si. Assim, o levantamento bibliográfico, análise documental faz parte da pesquisa qualitativa.

Resultados e Discussão

Dentro do contexto da agroecologia, as plantas medicinais desempenham um papel fundamental. As plantas medicinais são aquelas que possuem compostos ativos que podem ser utilizados para fins terapêuticos ou medicinais. Elas têm sido utilizadas há milhares de anos em diversas culturas ao redor do mundo para tratar doenças e promover a saúde.

O cultivo de plantas medicinais de forma sustentável, sem o uso de agroquímicos nocivos ao meio ambiente e à saúde humana, contribui sobremaneira para o modo de vida pesqueiro, além do uso de diversas culturas, o manejo adequado do solo e a proteção da biodiversidade local, além de contribuir para a produção de plantas medicinais de alta qualidade.

E ainda, valoriza o conhecimento tradicional associado ao uso de plantas medicinais, promovendo a troca de saberes entre gerações e o resgate da medicina popular, para o fortalecimento das comunidades tradicionais e para a preservação do conhecimento ancestral sobre as propriedades medicinais das plantas.

Do universo de 748 (setecentos e quarenta e oito) moradores das comunidades da Ilha de Maré que participaram das entrevistas, 456 (quatrocentos e cinquenta e seis) afirmaram conhecer plantas medicinais, seja para tratamento de suas enfermidades, seja para banhos. Apenas 5,48% (n=41) pessoas disseram que não as conheciam e 251 (duzentos e cinquenta e um) moradores não responderam à essa pergunta.

O conhecimento popular das comunidades tradicionais acompanha várias gerações e são inúmeros relatos de fragilidades na continuidade do conhecimento e desinteresse pelos mais jovens e sobre a importância do uso e manuseio das plantas

medicinais. Compartilhar esse conhecimento oralmente entre as gerações é o que possibilita o tratamento terapêutico dessas comunidades e a continuidade dos saberes populares, do uso e preparo das plantas medicinais, como chás, xarope, gargarejo, banho, entre outros lambedores.

Das pessoas que afirmaram conhecer as plantas medicinais, do universo de domicílios - 456 (quatrocentos e cinquenta e seis) entrevistados que responderam essa questão, 351 (trezentos e cinquenta e um) são mulheres e 105 (cento e cinco) homens. Em geral, são as mulheres que são as responsáveis pela produção, reprodução, cuidado e ensinam como são feitos os preparos caseiros e a finalidade



do uso. Já em relação à faixa etária, 47.7% dos moradores que conhecem plantas medicinais tinham no momento da entrevista entre 30 a 49 anos.

Observa-se que o saber popular sobre as plantas usadas nas comunidades da Ilha de Maré se dá por meio do conhecimento tradicional e compartilhado principalmente pelos membros familiares. O contexto familiar abriga um conhecimento próprio, repassado entre gerações e com particularidades muitas vezes restritas àquele grupo. Em geral, as plantas medicinais normalmente são utilizadas após a indicação de familiares e amigos. Poucos são os agentes da saúde que indicam, demonstrando assim, a necessidade de melhor aprofundamento pelos profissionais de saúde sobre a temática.

O projeto aponta para uma aproximação e o resgate pelos jovens desse conhecimento ancestral. Os debates sobre o cuidado à saúde, a soberania alimentar, entre outros temas, como o uso de plantas medicinais e a importância da utilização seja por meio de chás, banhos, entre outros vão ganhando força quando se pensa em os diversos cuidados com a saúde.

Portanto, a relação entre agroecologia e pesca artesanal vem ganhando amplitude na discussão da pesca artesanal, na sustentabilidade e na conservação dos recursos naturais, valorizando a utilização responsável dos recursos e a preservação da biodiversidade, por meio dos movimentos sociais e entre eles, o da pesca artesanal.

Conclusões

Em janeiro de 2023, foi realizada no Quilombo da Conceição, em Salinas das Margarias (BA), um território quilombola e pesqueiro, a VII Jornada de Agroecologia da Bahia. Um espaço de mobilização e luta em defesa da Água, Terra e Território, na busca de um território saudável e sustentável, na defesa do modo de vida, dessa população, bem como, o fortalecimento da pesca artesanal.

Para esse debate participaram vários segmentos como pescadores, indígenas, educadores, pesquisadores, entre outros. Um dos encaminhamentos dos diversos que tiveram neste espaço, centrou na luta das mulheres quilombolas e pesqueiras para que ‘esse espaço faça jus à grandiosa atuação das companheiras que são o fundamento dessa tessitura que é a Teia de Povo’. Esse tem sido um debate que cada vez mais está ganhando corpo entre as pescadoras artesanais – marisqueiras. Assim, as pescadoras artesanais vêm firmando ativamente na busca pelos seus direitos e no reconhecimento como mulheres pescadoras artesanais têm um papel essencial na pesca artesanal. Uma tessitura que está sendo costurada por muitos diálogos, diversos olhares e mãos com as/os diversas/os sujeitas/os como construtora/r de um movimento visando a promoção da igualdade de gênero, o combate à discriminação, bem como a luta por seus direitos, pelo reconhecimento e valorização do seu trabalho, na garantia de acesso a recursos e oportunidades e promoção e participação na tomada de decisões são passos fundamentais para alcançar um setor pesqueiro mais justo, saudável, sustentável e equânime.

Todavia, cabe destacar que ainda há muito a ser feito para garantir a plena igualdade de gênero na pesca artesanal. A discriminação e as desigualdades



persistem e é necessário um esforço contínuo para o enfrentamento dessas questões, assim como, a inserção das pescadoras artesanais nas políticas públicas para o avanço e autonomia dessas mulheres.

Observamos, que a Agroecologia é uma abordagem sustentável e se baseia na compreensão dos processos ecológicos e na promoção da biodiversidade agrícola, além de enfatizar a participação ativa das comunidades locais e dos agricultores no desenvolvimento e manejo dos recursos naturais.

O fazer agroecológico encontra-se relacionado com a pesca artesanal por meio de práticas de diversificação e integração de atividades, onde comunidade tracionais pesqueiras praticam a pesca artesanal e muitas vezes também estão envolvidas na agricultura, cultivando alimentos para subsistência.

Neste contexto, a agroecologia pode oferecer abordagens e técnicas que promovam a segurança alimentar e a sustentabilidade em ambas as atividades, como a utilização de sistemas agroflorestais e/ou a produção de alimentos utilizando práticas agroecológicas. O passo inicial foi dado...e a transição agroecológica encontra-se entrelaçada com a pesca artesanal, enfim entre o mar e a terra há ainda um diálogo a fazer para a promoção de um território saudável e sustentável.

Agradecimentos

As pescadoras artesanais da Ilha de Maré, Salvador – BA. A todas as pessoas que diretamente e indiretamente participaram do projeto,

Referências bibliográficas

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica. Política nacional de plantas medicinais e fitoterápicos / Ministério da Saúde, Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, Departamento de Assistência Farmacêutica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

CAPORAL, F.R.; COSTABEBER, J. A.; PAULUS, G. Agroecologia: matriz disciplinar ou novo paradigma para o desenvolvimento rural sustentável. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE AGROECOLOGIA, 3, -Florianópolis, SC, 2005. Anais. Brasília – DF: MDA, 2006.

DIEGUES, A. C. S. A pesca construindo sociedades: leituras em antropologias marítima e pesqueira. Antônio Carlos.Sant'Ana Diegues. São Paulo: Núcleo de Auxílio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras/USP, 2004.

FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido, 42 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.

IBGE 2010; Censo Demográfico 2010 - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, acesso em <http://cidades.ibge.gov.br/>

MACHADO, J. M. H. et al. Territórios saudáveis e sustentáveis: contribuição para saúde coletiva, desenvolvimento sustentável e governança territorial. Comunicação em Ciências da Saúde, 28(2): 243-249, 2017.



FERREIRA, M. J. M. et.al. Tecendo Caminhos para a Construção de Territórios Saudáveis e Sustentáveis: o caso das comunidades tradicionais pesqueiras da Ilha de Maré, BA. In: Brasil. Fundação Nacional de Saúde. Territórios sustentáveis e saudáveis: experiências de saúde ambiental territorializadas desdobramentos e perspectivas / Fundação Nacional de Saúde. – 1. ed. – vol. 3 – Brasília : Funasa, 2021.

MINAYO, M.C. de S. (Org.) Caminhos do Pensamento: epistemologia e método [livro eletrônico]. / Organizado por Maria Cecília de Souza Minayo e Suely Ferreira Deslandes. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002.

SACRAMENTO, E. Água: ambiente livre para saúde dos pescadores e pescadoras do Brasil. In: Saúde e Ambiente para as populações do campo, da floresta e das águas, Brasília, Ed. Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Apoio à Gestão Participativa, 2015.

THIOLLENT, M. Metodologia da pesquisa-ação. 11. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2002.